

OS DETERMINANTES SOCIAIS NA MORTALIDADE EM IDOSOS: UM ESTUDO LONGITUDINAL¹

Marciane Kessler², Karla Pereira Machado³, Louriele Soares Wachs⁴, Mariangela Uhlmann Soares⁵, Pâmela Moraes Volz⁶, Elaine Thumé⁷

¹ Pesquisa Institucional desenvolvida no Grupo de Pesquisa AQUARES, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas

² Docente na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, Pós-Doc Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas

³ Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas

⁴ Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas

⁵ Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas

⁶ Docente no Departamento de Saúde Pública, Universidade Federal do Rio Grande

⁷ Docente no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas

Introdução: A população brasileira encontra-se em um processo de envelhecimento acelerado, que impacta no perfil epidemiológico de morbimortalidade, com aumento das demandas em saúde, principalmente entre aqueles com maior vulnerabilidade social. A exposição à baixas condições socioeconômicas - baixa renda, riqueza, escolaridade, desemprego, entre outros - afeta a saúde na infância e ao longo da vida adulta, aumentando o risco de adoecimento e menor expectativa de vida. Estes fatores socioeconômicos que influenciam a ocorrência da doença e da morte são chamados de Determinantes Sociais da Saúde e dão origem as inequidades em saúde (desigualdades evitáveis na saúde). **Objetivo:** Avaliar a riqueza como determinante da mortalidade em idosos no sul do Brasil, conforme sexo e idade. **Método:** Trata-se de um estudo longitudinal intitulado “Saúde do Idoso Gaúcho de Bagé” (SIGa-Bagé) realizado com participantes de 60 anos ou mais de idade no período de 2008 a 2016/17, no município de Bagé, Rio Grande do Sul (RS). Foram identificados 638 óbitos até final de agosto de 2017 e destes, 579 confirmados pelo Sistema de Informação de Mortalidade (SIM). Foi avaliada a associação entre a riqueza e a mortalidade geral em idosos no período de nove anos de acompanhamento. Para avaliação da riqueza foram utilizados os critérios da classificação econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), estratificado nos seguintes grupos: A/B (mais ricos), C (classe mediana) e D/E (mais pobres). Foi calculado *Hazard Ratio* (HR) para avaliar associação entre mortalidade e riqueza. Todas as análises foram ajustadas para as variáveis sexo (feminino e masculino), idade (60 a 64; 65 a 74;

e 75 ou mais), cor da pele (branca, negra/parda/amarela/indígena), tabagismo (sim, não), hipertensão (sim, não), diabetes (sim, não) e incapacidade funcional para as atividades básicas e instrumentais de vida diária (sim, não), e estratificadas por sexo e idade.

Resultados: Quando avaliada a relação entre riqueza e mortalidade em idosos do sexo masculino, verificou-se que não houve associação, mesmo que no limite de significância entre classe D/E (HR=1,40; IC95%: 0,98-2,01) quando comparado a classe A/B. Entre as mulheres, pertencer a classe C mostrou ser fator de risco para morte, comparado a classe A/B (Classe C: HR=1,35; IC95%: 1,01-1,80 e Classe D/E: HR=0,99; IC95%: 0,73-1,33). Na estratificação da amostra por idade, verificou-se que houve relação entre riqueza e mortalidade entre os idosos mais jovens. Idosos de 60 a 64 anos da classe D/E apresentaram 90% maior risco de morte (HR=1,90; IC95%:1,05-3,42; p= 0,034), comparado aos mais ricos, sem diferença entre àqueles da classe C (p=150). Entre os idosos das faixas etárias de 65-74 e 75 anos ou mais não houve associação. Quando os resultados foram estratificados por sexo e faixa etária, verificamos que os idosos mais jovens (60-64 anos) do sexo masculino e da classe D/E apresentaram 2,84 (IC95%: 1,09-7,33) vezes maior risco de morte comparado aos idosos da Classe A/B (p=0,031), sem diferença na classe C (HR=2,03; IC95%: 0,86-4,80; p=0,107). Nas demais faixas etárias não houve associação. Na população idosa do sexo feminino não foi encontrada associação entre riqueza e mortalidade entre nenhuma das três faixas etárias. Destacase que houve redução de poder para encontrar associação quando realizadas as duas estratificações, o que reduziu o número amostral.

Conclusão: O resultados evidenciam a presença de inequidades em saúde na população idosa do município de Bagé, RS. Os idosos mais pobres apresentam maior risco de morte quando comparados aos mais ricos mesmo após ajuste para fatores sociais e condições de saúde, e esta diferença está acentuada principalmente entre os idosos homens e mais jovens. Sugere-se a avaliação do impacto das políticas públicas, como por exemplo a Estratégia de Saúde da Família, na redução dos efeitos dos fatores sociais na saúde, ou seja, na redução das inequidades em saúde.

Palavras-chave: Idosos, Mortalidade, Determinantes Sociais da Saúde, Equidade em Saúde.

Agradecimentos: à todos os integrantes do Estudo de Coorte SIGa-Bagé, aos idosos

que participaram da pesquisa e ao CNPq pela bolsa de Desenvolvimento Tecnológico e Industrial.